

**Violência e estilos de masculinidade. Violência, Cultura e Poder. Fátima Regina Cecchetto. Editores FGV, Rio de Janeiro, 2004, 245p.**

Elaine Ferreira do Nascimento  
IFF/Fiocruz

Fátima Regina Cecchetto é mestre em ciências sociais pela Uerj e doutora em saúde coletiva pelo IMS. Seu livro, originalmente uma tese de doutorado pela Uerj, busca compreender, no contexto das masculinidades juvenis e de jovens adultos vigentes, a questão da produção das violências como forma de sociabilidade em espaços de lazer de um determinado segmento da população carioca.

O universo da pesquisa é constituído por galeras *funk*, gangues de lutadores de jiu-jítsu e frequentadores de bailes charme. O estudo se debruça sobre a violência nos espaços de lazer de jovens e jovens adultos moradores de favelas, subúrbios e bairros da Zona Sul. Este se constitui em uma comparação entre as práticas no lazer dos bailes *funk* e charme e no contexto esportivo do jiu-jítsu.

A autora recusa estereótipos que associam diretamente violência, masculinidade e pobreza ou o paradigma da sociobiologia, que não dá conta de explicar as múltiplas questões e manifestações da violência e das masculinidades. Para tal, a organização do livro se divide em sete capítulos, que buscam dar contorno aos diversos significados e pluralidades dos estilos sobre masculinidades contemporâneas.

No capítulo 1 a autora apresenta uma revisão da literatura acerca dos estudos sobre a masculinidade numa perspectiva norte-americana a partir de *men's studies*, ancorada, no entanto, nos estudos de gênero do Brasil como campo disciplinar e eixo estruturador. Este capítulo faz um balanço da produção sobre masculinidades que inicia na década de 1970, tendo uma considerável ampliação nos anos 80; aborda a questão do papel masculino socialmente construído, a crise da masculinidade como reflexo das transformações socioeconômicas e geopolíticas globais, passando pelo novo modelo de masculinidades, aqui com forte influência da psicanálise, sociologia e antropologia; a discussão das masculinidades hegemônicas e subordinadas com recorte étnico/raça e de classe. E por fim a necessidade de produção de outras palavras sobre gênero/masculinidades.

No capítulo 2 a autora trata da questão do corpo, vinculado à *temática da identidade, da sociabilidade, da violência e das relações entre os sexos* (p. 73), ou seja, do processo de construção social das masculinidades. Para tal argumento, Fátima Cecchetto discutirá as formas de competição masculina, músculo como atributo de culto pelo masculino, violência associada à virilidade e o culto ao corpo, a hipervalorização deste como veículo de *status* e de poder, mas que também revela símbolos e significados de pertencimento, estilos e de afirmação.

No capítulo 3, a autora problematiza a emoção, o esporte e o lazer, articulando-os com a violência. Como os sujeitos de sua pesquisa se aproximam ou interagem ou mesmo se distanciam desse fenômeno,

ou seja, como se dá a *teoria do processo civilizador que focaliza o controle e o descontrole das emoções nessas configurações*. A autora articulou com a perspectiva da abordagem antropológica das emoções como uma “prática social discursiva”.

Os capítulos 4 e 5 apresentam o cotidiano do universo dos bailes *funk* e as academias de jiu-jítsu como lazer, esporte e estilo de vida, no qual há um processo de sociabilidade e práticas que são produzidas, reproduzidas e reiteradas nesses espaços de lazer e da busca voluntária pelo risco. Ambos apresentam um contexto de violência. O uso de drogas para fins específicos nos dois grupos: em relação aos frequentadores de bailes *funk* para estimular e potencializar o etos da disposição guerreira, do forte, do poderoso, do que pode tudo; em relação aos lutadores de jiu-jítsu o uso de drogas associado ao exercício físico pesado para modelar o corpo, criar músculos e também para torná-los fortes, poderosos, invencíveis, ou seja, igualmente para estimular e potencializar o etos da disposição guerreira. Aqui também há um diálogo com as teorias antropológicas e sociológicas contemporâneas.

O capítulo 6 se constitui em uma apresentação metodológica de aproximação com o campo, aqui das academias de lutadores de jiu-jítsu, revelando o conflituoso e árduo processo sofrido pela autora em se apropriar deste campo para coletar os dados, as dificuldades/obstáculos, os preconceitos de gênero, a necessidade das aulas quase que obrigatórias para se aproximar de uma condição de “nativa”. Além de problematizar este espaço como produtor de símbolos e significados de pertencimento, códigos de honra e estilos sobre masculinidades.

O capítulo 7 revela o cotidiano dos bailes charme, que, como a autora intitula “elegância, criatividade e suavidade”, valoriza um estilo de moda; o vestuário é de elegância e lembra um pouco uma parte do passado brasileiro, pois existe uma tradição de se vestir quase que na modalidade esporte fino, ou seja, negro, bonito e cheiroso, que dança devagarzinho, utiliza o salão para dançar e conquistar mulheres, sem qualquer relação com a violência explícita. Aqui o comportamento pacífico revela outras possibilidades de construção da identidade masculina.

Este livro, como a própria Cecchetto salienta, é uma contribuição valiosa à discussão sobre o fenômeno da violência carioca, além da pluralidade das identidades masculinas, ao mesmo tempo em que vai problematizando e *expondo singularidades, diferenças e especificidades que a violência, ou o seu discurso, apresenta nas experiências de três grupos sociais: das galeras de jovens negros dos bailes funk em várias partes da cidade; das gangues de brancos e não brancos de lutadores de jiu-jítsu da zona sul; e dos grupos charmeiros de jovens negros dos subúrbios. Seus signos, símbolos e práticas constituem e diversificam os territórios da cidade pelos quais circulam e tentam ou conseguem controlar*. E ao pesquisar estes três segmentos, algumas questões podem ser pensadas; não há correlação direta entre violência, masculinidade, etnia/raça e pobreza.